

A Europa Mundo

Álvaro Vasconcelos. *Director. IEEI*

A Comunidade tornou impensáveis as guerras fratricidas europeias, e pelo progressivo alargamento estendeu o espaço democrático quase à dimensão do continente: o grande desígnio da União, hoje, deve ser o da Europa Mundo. Para o cumprir, tem de vencer a nova xenofobia: a do nacionalismo identitário.

Muitos europeus se interrogam sobre qual é hoje – qual deve ser – o novo grande desígnio da construção europeia?

Para os fundadores, na memória viva das terríveis guerras fratricidas, a paz perpétua entre os Estados europeus era a primordial razão de ser da Comunidade. O nacionalismo, o grande inimigo das sociedades abertas, fora deslegitimado pelas dezenas de milhões de mortos das duas guerras mundiais, porque europeias, no horror da barbárie do nacionalismo extremista e do holocausto.

Os que vieram depois, quase intuitivamente e por vezes sem entusiasmo, fizeram da democratização do continente, pela via da inclusão e do alargamento, um projecto sem paralelo histórico.

Ambos foram bem sucedidos no seu desígnio, para além de qualquer quimera visionária.. A guerra entre os inimigos de ontem tornou-se impensável. Hoje, a União está a ponto de coincidir com o continente europeu e há eleições livres de Portugal às fronteiras da Rússia. Mais de 600 milhões de europeus vivem em democracia.

Quando a União faz cinquenta anos e o mercado se mundializou, é bom lembrar que o “*doux commerce*” nunca foi finalidade, muito menos ideologia, mas mero instrumento.

Para a União Europeia, mais que para qualquer Estado, o interno é externo. O seu poder de atracção resulta principalmente do que construiu entre os europeus, um espaço supranacional de unidade na diversidade. É o modelo europeu de associação de Estados, a construção assente nos valores fundamentais e na solidariedade, que o mundo admira.

A nova etapa da construção europeia passa exactamente pela necessidade de aprofundar a diversidade, fazendo de todos os que aqui vivem cidadãos plenos, independentemente de crenças religiosas, culturas ou tradições. Só sendo Mundo poderá a União continuar a ser Europa. A Constituição foi um passo importante por ter banido as definições culturais e religiosas da identidade europeia, que alguns, perante o impasse actual, tentam de novo impor.

Acolher a Turquia quando aí se consolidar a democracia é um teste decisivo que fará prova, aos olhos dos países de maioria muçulmana, de que a União não é um clube civilizacional mas é de facto Mundo. Para concretizar esse desígnio, tem porém de vencer o nacionalismo identitário que corrompe as democracias europeias.

Hoje, o nacionalismo identitário e a intolerância assumem formas insidiosas. Ontem apanágio da extrema direita tradicional, corrói hoje partidos democráticos e influencia mesmo a política de alguns governos.

A Europa viveu, nos últimos anos, uma fase de acentuada transformação: as grandes cidades tornaram-se muito mais cosmopolitas, e o islão é uma grande religião europeia, que tem na União muitos milhões de praticantes. Essa forte diversidade é uma enorme riqueza, que contribui para que haja uma identificação com a União em muitos pontos do Mundo.

A esta a mudança inexorável procuram opor-se alguns sectores da sociedade europeia, nomeadamente em momentos de crise social politicamente explorada por correntes populistas. Os imigrantes são apontados como uma ameaça à identidade nacional e a rejeição do outro banaliza-se.

O culturalismo, que identifica a democracia com uma determinada religião e uma cultura, que nela alegadamente se filia, e nega a sua compatibilidade com outras, nomeadamente o islão, é erigido em paradigma para explicar divergências e conflitos; e mesmo os que negam fundamento à tese tão em voga do “choque das civilizações”, vêm nela explicação plausível da fractura social manifesta em tantas cidades europeias.

Na era da globalização, ao combate à “nova” xenofobia não pode deixar de ser dada a mais alta prioridade. Primeiro, há que deixar definitivamente de ver na imigração um problema – e muito menos um risco de segurança! –, e fazer dos imigrantes cidadãos e dos seus descendentes actores plenos da construção e da acção internacional da União. Há que aplicar o conceito de *hospitalidade* como o definiu Jacques Derrida, que considera que cada pessoa faz parte da mesma casa humana e deve ser respeitada como tal, e reconhece pois o Outro não como diferente mas como intrinsecamente igual.

Aos cinquenta anos, olhando o seu próprio futuro, a União não tem apenas de reafirmar os valores fundamentais que a cimentam, mas sobretudo de dar-lhes dar tradução prática na aprovação de uma carta europeia contra a xenofobia e o racismo, capaz de sancionar os prevaricadores.

Depois, a União tem de promover na sua acção internacional exactamente os mesmos valores que defende e aplica na ordem interna. É a proposta de uma acção internacional regida pelos valores e não pela política de potência que torna a União um «bem público internacional», na feliz expressão de Celso Lafer. Mas para isso a União tem que intervir decisivamente nos grandes problemas mundiais – da guerra e da opressão à pobreza ou à mudança do clima.. Tem que ser a activa promotora de um civismo planetário, da proposta de “sociedade mundo” de que fala Edgar Morin.

Essa orientação deve materializar-se antes do mais na relação com os seus vizinhos, do Mediterrâneo e do Leste, a quem a União deve estender a lógica de inclusão, pondo a tónica, como fez na Europa, no desígnio da democracia e da coesão social, usando o mercado como um instrumento e nunca um fim. Deve significar, também, uma intervenção decisiva para pôr termo ao genocídio no Darfur, para derrotar aí a manifestação mais extrema do nacionalismo identitário que, depois das tragédias da Bósnia e do Rwanda a comunidade internacional afirmou que “nunca mais” toleraria.

Em suma, olhando para o futuro, e em tempo de comemoração, a União deve fazer da Europa Mundo o seu novo grande projecto, que tem no combate à intolerância e ao racismo, na adesão da Turquia e na inclusão dos vizinhos as próximas grandes etapas.

* [Una Europa Mundo](#), El Pais, 25 de Março de 2007